

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO NA INTEGRAÇÃO ENSINO E PESQUISA NO ÂMBITO DA GRADUAÇÃO

Caroline Teixeira Borges

Mestranda em Educação – PPGE/UECE

carolborges86@yahoo.com

Lidiane Sousa Lima

Graduanda em Pedagogia – UECE

dillin18@yahoo.com.br

Camila Maria Rodrigues

Graduanda em Pedagogia – UECE

camilamaria.rodrigues@yahoo.com.br

Introdução

O tema da formação de professores tem tido bastante destaque nos últimos anos em razão das transformações pelas quais a sociedade tem passado devido às tendências neoliberais e ao fenômeno da globalização. Na sociedade da informação tem-se exigido cada vez mais da figura do professor, de modo que este vem acumulando funções (GÓMEZ, 2001). Desta feita, faz-se necessária uma formação que atenda a essas demandas.

O presente ensaio apresenta investigação realizada sobre as práticas dos professores orientadores de pesquisa na graduação. A iniciativa aborda aspectos relacionados a identidade docente e a prática pedagógica desse profissional, revelando assim as dificuldades encontradas na realização de seu trabalho. Dessa forma, objetiva propor reflexões acerca da integração ensino e pesquisa na prática docente na atividade de orientação de monografia e iniciação científica, em cursos de graduação. Tal proposta pauta-se na literatura sobre o assunto e na experiência das autoras enquanto bolsistas de iniciação científica em projeto que investigou a relação ensino e pesquisa na gestão pedagógica dos saberes na docência universitária.

O ensino universitário desempenha papel central na formação profissional e, por conseguinte, na construção científica e produção do conhecimento, tanto no âmbito da graduação quanto da formação continuada. Dessa forma, pode-se dizer que a universidade é responsável pela formação de cidadãos que irão atuar na construção e desenvolvimento da sociedade.

A universidade propicia uma formação profissional específica sem esquecer sua dimensão humana. Noutras palavras, procura assegurar o domínio de técnicas e conhecimentos específicos de uma determinada área sem deixar de estimular a reflexão e disseminar os conhecimentos de natureza cultural. De fato, como exorta Charlot (2006, p.15): “se queremos educar um ser humano, não podemos deixar de educar, ao mesmo tempo, um membro de uma sociedade e de uma cultura e um sujeito singular.” Dessa forma, pode-se dizer que o ensino na universidade abrange esses três elementos: ser singular, ser social e ser cultural.

Especialmente os cursos de formação de professores buscam desenvolver nesses profissionais uma “atitude vigilante e indagativa” (ANDRÉ, 2001, p 59), ou seja, uma postura investigativa. Partindo desta compreensão, não é possível conceber ensino e pesquisa como ações distintas, pois estão interligadas.

O ensino dissociado da pesquisa constitui apenas repasse de conhecimentos já existentes, por outro lado, a integração do ensino à pesquisa permite a construção de conhecimentos novos.

A importância da pesquisa durante todo o processo de formação de professores reside em possibilita o desenvolvimento da capacidade de analisar e avaliar sua prática, promovendo a sua autonomia intelectual e favorecendo a busca de novos conhecimentos, habilidades e atitudes que aprimorem o seu trabalho.

Assim, a atividade de iniciação científica e escrita da monografia se apresentam como possibilidades para efetivação da articulação entre teoria e prática na formação universitária. Sendo na tarefa de orientação por parte do docente universitário em que esta articulação mais se evidencia.

Nesse sentido, voltamos nosso olhar para atividade de orientação dos professores universitários, compreendendo os mesmos como iniciadores do processo de construção do conhecimento dos alunos, desenvolvendo nos alunos a compreensão da importância da atividade de pesquisa no ato de ensinar.

A iniciativa encontrou suporte metodológico na abordagem qualitativa, mais especificamente na perspectiva da etnometodologia. Essa abordagem permite compreender os sujeitos como construtores da realidade em que atuam. O estudo teve como sujeitos quatro professores que atuam em três cursos de licenciatura na

Universidade Estadual do Ceará (UECE). Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista de explicitação.

Iniciação científica e escrita da monografia: a pesquisa na formação do professor

É crescente a importância dada à atividade e desenvolvimento de pesquisa no processo de formação de professores. Cada vez mais observamos em revistas da área de educação, bem como em eventos científicos nacionais e internacionais, investigações acerca da necessidade de ensinar pela pesquisa, entendendo-a como atividade que fomenta no professor oportunidades para pensar, refletir e transformar a sua prática.

Nesta perspectiva a pesquisa apresenta-se como meio de promover a aprendizagem, a melhoria na e para a ação, bem como, o desenvolvimento do indivíduo enquanto sujeito social e crítico/reflexivo seja ele docente ou discente, até mesmo por que o “modelo de formação que vem presidindo o magistério de nível superior tem na pesquisa a sua base principal” isso é facilmente percebido, pois, “tanto os planos de carreira das instituições como a própria exigência estatal para o credenciamento das universidades centram o parâmetro de qualidade dos requisitos estabelecidos na pós-graduação *stricto sensu*” (CUNHA, 2000, p. 45).

Assim, a pesquisa precisa ser vista como porta voz do “processo histórico de produção e disseminação de conhecimentos”, não limitada a ser apenas “um item a mais em alguma disciplina teórica, sem se admitir sua relevância para os professores” (CNE/CP, 2001, p.23), considerando que todo professor tem uma atuação prática. Esta, por sua vez, possui

(...) uma dimensão investigativa e constitui uma forma não de simples reprodução mas de criação ou, pelo menos, de recriação do conhecimento. A participação na construção de um projeto pedagógico institucional, a elaboração de um programa de curso e de planos de aula envolvem pesquisa bibliográfica, seleção de material pedagógico etc. que implicam uma atividade investigativa que precisa ser valorizada. (CNE/CP, 2001, p.23).

Deste modo, a iniciação científica propõe desempenhar um papel essencial na formação para pesquisa, sendo uma atividade que permite iniciar os alunos de graduação no processo de produção científica. De acordo com Damasceno (2002, p. 17), esse é um processo que “se integra à vida acadêmica”, despertando nos alunos habilidades que são essenciais a pesquisa como a capacidade de reflexão e análise,

proporcionando uma formação reflexiva e autônoma, que possibilita ao futuro professor a produção do seu próprio conhecimento.

A pesquisa pode tornar o sujeito-professor capaz de refletir sobre sua prática profissional e de buscar formas (conhecimentos, habilidades, atitudes, relações) que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho docente, de modo que possa participar efetivamente do processo de emancipação de pessoas (ANDRÉ, 2006, p. 221).

Tal atividade possibilita um relevante embasamento teórico como também uma aproximação com a prática da investigação. “Neste processo estão envolvidos professores e alunos numa complexa relação de ensino/aprendizagem engajados na tarefa da descoberta, da produção de conhecimentos científicos e relacionais, unindo teoria e prática” (FONSECA, p. 296,2012). Dentre as atividades desenvolvidas pelos alunos está a participação em orientações, grupos de estudo e eventos científicos, o que implica uma formação mais autônoma, de atitude ativa sobre o conhecimento e colaboração com os professores orientadores. Os alunos contemplados com bolsas tem a oportunidade de participarem de um projeto de escrita da sua elaboração a escrita do relatório.

Embora muito se defenda a importância da pesquisa no processo de aprendizagem dos futuros professores, fato evidenciado pelas oportunidades de bolsas de iniciação científica, reconhecemos que as oportunidades são muito limitadas. Deste modo, é necessário que a integração ensino e pesquisa ocorra na gestão da sala de aula dos professores universitários.

No entanto é sabido que os cursos de graduação tem uma tradição em aulas expositivas “onde o aluno escuta, fala pouco e quase nunca escreve” (NÓBREGA-TERRIEN e TERRIEN, p. 03, 2006). Restando, assim, a escrita da monografia como uma aproximação com a atividade de pesquisa.

A monografia é a conclusão de componentes curriculares obrigatórios, em muitos cursos de graduação para obtenção de certificado de conclusão, mas que isso é a oportunidade de construção de conhecimento, e desenvolvimento de aprendizagens relativas à produção científica. Compreendendo todos os passos da elaboração de uma pesquisa, do levantamento das questões a escrita final do relatório.

Nesses dois momentos de envolvimento dos alunos com a pesquisa científica centra-se o papel do orientador como norteador do processo de aprendizagem

investigativa. “A ele cabe abrir o caminho, apontar o roteiro e, havendo desvios, repensar com o candidato a via certa” (MELLO, p.37, 2012). Esta condição, entretanto, coloca em questão uma inquietação: qual a importância da atividade de orientação? Quais as funções e desafios do professor orientador?

A atividade de orientação na graduação: alguns esclarecimentos

A atividade de orientação é um tema pouco investigado. As pesquisas existentes na literatura específica sobre o tema são relacionadas à pós-graduação e abrangem apenas alguns aspectos deste trabalho, havendo ainda muito a investigar. Este fato levou Bianchetti (2002, p. 172-173) a descrever a orientação como “uma atividade envolta numa aura de mistério, de segredos compartilhados, de confidências de difícil publicização”.

A docência não é tarefa simples, desde que implica um trabalho sobre o outro. Sobre a natureza do trabalho docente Tardif e Lessard (2007, p. 8) afirmam tratar-se de “uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu ‘objeto’ de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana. Podemos chamar de interativo esse trabalho sobre e com outrem”. No caso do professor orientador, o seu objeto de trabalho é o orientando, um “outro ser humano” que traz consigo pensamentos, opiniões, experiências, conhecimento e sentimentos, tornando ainda mais complexa essa atividade.

A atividade de orientação tem sido entendida, na literatura sobre o tema, como uma qualificação para a autoria (BIANCHETTI; MACHADO, 2002). Uma das definições trazidas pelo dicionário Novo Aurélio de Língua Portuguesa (2001) define orientação como: direção, guia. Esta é uma definição apropriada, pois é através da orientação que o aluno recebe direcionamentos que o ajudarão no sentido da produção do conhecimento. Como enfatiza Inácio Filho (2005, p. 128), o professor atua como “mediador entre o estudante e o conhecimento”. Desta feita, pode-se dizer que o orientador deve conduzir o aluno no processo de construção do conhecimento.

Professor orientador: prática pedagógica, funções e desafios

A orientação do professor é fundamental no desenvolvimento da pesquisa, de acordo com Nóbrega-Therrien e Andrade (2009, p. 151) é “imprescindível na

construção do objeto”. Porém qual seria exatamente o papel do orientador nesse processo?

A atividade da orientação envolve as mais diversas atribuições, desde a orientação de pesquisa em si a correção ortográfica, diante das dificuldades de escrita apresentadas pelo orientando. De fato, uma das principais funções do orientador é a de “qualificar para a autoria” (BIANCHETTI e MACHADO, 2002, p. 20). Isso acontece, devido às dificuldades apresentadas pelos orientandos no processo da escrita. Sobre isso, Chassot (2002, p. 90) destaca: “(...) o escrever é realmente um dos mais significativos problemas na elaboração dos textos acadêmicos”.

Desse modo, o professor orientador se vê obrigado a assumir funções que não são legitimamente as suas, funções corretivas, que tendem a suprir alguma deficiência decorrente da precariedade da educação a que muitos foram submetidos em escolas que valorizam a oralidade e a memorização, em detrimento da criatividade e problematização.

Além disso, por vezes o orientador atua como uma espécie de terapeuta, “por estar no lugar daquele que lê e daquele que escuta” (MACHADO, 2002, p.59), assumindo o papel de conselheiro diante das inquietações e angústias de um outro que tenta se encontrar e ao mesmo tempo encontrar o melhor caminho a seguir rumo à produção do conhecimento.

Esta constatação, nos leva ao campo das relações humanas, mais especificamente da relação orientador-orientando que é de grande complexidade, visto que esta possui tanto uma dimensão profissional quanto afetiva. Neste sentido, vale ressaltar o que afirma Severino (2002, p.77-78) sobre a função do professor orientador de pesquisa:

a função do orientador deveria ser aquela de um educador, cuja experiência, mais amadurecida, ele compartilha com o orientando, num processo conjunto de construção de conhecimento. Duas partes interagindo, num processo de diálogo, respeitando-se a autonomia e a personalidade de cada uma das partes. O orientador não é nem pai, nem tutor, nem advogado de defesa, nem analista, mas também não é feitor, coronel ou coisa que o valha. Ele é um educador, estabelecendo com seu orientando uma relação educativa, com tudo o que significa no plano da elaboração científica. Como tal, pressupõe necessariamente um trabalho conjunto em que ambas as partes crescem, se enriquecem reciprocamente.

Em consonância com a posição assumida pelo autor, entende-se que o processo de orientação compreende um trabalho conjunto, rico em interações e trocas de saberes e experiências, que deve beneficiar ambas as partes.

Observa-se que entre os professores pesquisados prevalece a ideia de que o professor orientador da pesquisa tem o papel de apresentar contribuições a fim de auxiliar o aluno na construção do conhecimento. Esta tarefa envolve atribuições diversas como revisar textos, indicar leituras, discutir o tema com o aluno, além de orientar quanto ao estilo formal de escrita. Outro aspecto relevante é que os professores demonstram preocupação em ajudar não somente na organização da estrutura do texto, mas também do pensamento do orientando de maneira que a pesquisa possa realmente representar uma contribuição. É possível observar estes pontos nos relatos a seguir:

É exatamente de mostrar se a construção teórica está correta, se as idéias estão sendo claras, se está tendo seqüência no raciocínio, se o raciocínio avança numa perspectiva que possa dar contribuição. Uma coisa que eu me preocupo muito é que seja uma monografia que dê alguma contribuição, que não seja uma monografia de prateleira. (Professor 1)

Você tem que estar mediando e contribuindo com o aluno. Eu acho que nosso papel como orientador é contribuir com a aprendizagem do aluno. (Professor 3)

De acordo com as falas dos professores, destaca-se também a concepção do orientador como um mediador entre o aluno e o conhecimento, uma espécie de guia que indica direções.

No que diz respeito à prática pedagógica dos professores orientadores, não há regras definidas a este respeito, porém verifica-se uma sistematização do processo de orientação em etapas, que compreendem diferentes fases da pesquisa, desde a delimitação do tema investigado à pesquisa de campo, análise dos resultados e escrita do texto da monografia, como revelam os trechos abaixo:

[...]. O meu primeiro passo é ver essa parte de introdução e justificativa que é o ponto fundamental na minha compreensão, porque ela diz o que levou à angústia dela, qual é o problema, quais as referências teóricas que ela já tem em mente, qual o campo metodológico que ela gostaria de definir. Então, isso aí já ajuda demais pra ela ter esse mote. Aí eu vou seguindo com a pessoa todos esses passos que ela colocou. (Professor 1)

Primeiro eu penso que a orientação é dividida em fases. Posto que a pessoa tem um trabalho a realizar, então normalmente eu divido a minha orientação em fases. No primeiro momento eu quero que a pessoa me traga suas ideias em relação à problemática que ela quer desenvolver, o tema e a problemática. A partir daí, depois que ela tem um tema e uma problemática eu passo uma bibliografia. Esse é

o primeiro momento, as outras orientações serão boas se a pessoa conseguir cumprir o planejado na orientação anterior. Isso é muito importante. (Professor3)

É importante destacar a preocupação em relação ao cumprimento dos prazos estabelecidos, pois tal fator pode afetar o andamento de todo o processo, bem como o resultado final.

Assim, de acordo com os depoimentos dos professores a prática pedagógica destes está abalizada por atividades sistemáticas que visam contribuir com a construção do conhecimento do aluno.

Como já citado anteriormente, o trabalho de orientação da pesquisa pode trazer desafios e dificuldades em sua realização. O professor orientador realiza o seu trabalho muitas vezes sob condições adversas, tanto com relação aos espaços físicos, à infraestrutura oferecida pela universidade, quanto no que diz respeito às inúmeras dificuldades de outras naturezas enfrentadas por este profissional, a maior parte delas estão ligadas ao orientando, seu objeto de trabalho. Os relatos a seguir são emblemáticos dessa situação:

Já tive orientações até na minha casa, depende da disponibilidade do aluno. Se ele, por exemplo, tem uma disponibilidade pra fazer isso aqui na universidade, eu sempre venho pra cá. Os locais, a gente sabe que, a gente busca sempre um espaço que esteja livre, considerando que a estrutura da universidade não é muito favorável a isso né? Mas nunca me prendo a um único local, onde eu possa estar trabalhando naquele dia, a gente faz a orientação. Tento me recolher a um determinado local que a gente não tenha muitas interferências de outras pessoas que cheguem nesse horário.

[...]E também quando você nota a fragilidade da base teórica de formação do estudante, que é uma coisa muito grave. A dificuldade quando você pede pro aluno também, que ele mande fazer uma revisão no seu trabalho porque o escrito contém às vezes muitos erros. [...] O pior momento realmente das orientações de monografia, é quando você percebe que o aluno, de fato, não se envolve com aquele trabalho. (Professor 2)

A frequência presencial é muito fraca. Eles não vem, você precisa estar ligando, chamando. (Professor1)

Pode-se notar no discurso dos professores entrevistados, grande insatisfação em relação a falta de locais adequados na universidade para a realização da atividade de orientação, sendo muitas vezes obrigados a orientar os alunos em suas residências. Outro ponto importante diz respeito à falta de fundamentação teórica por parte dos

orientandos, o que acaba por dificultar o trabalho do orientador. Deve-se ressaltar também o desinteresse demonstrado pelos alunos em comparecerem aos encontros de orientação, colocando o professor em uma posição difícil em que este precisa chamar a atenção do orientando, o que pode facilmente resultar em conflitos.

Com base nesses depoimentos foi possível conhecer e discutir aspectos diversos relacionados à orientação da pesquisa e dessa forma refletir sobre a integração entre ensino e pesquisa tendo como foco a atividade de orientação da pesquisa.

Considerações Finais

Diante das reflexões e resultados apresentados, é mister ressaltar a importância da atividade de orientação da pesquisa no sentido de concretizar a integração entre ensino e pesquisa no âmbito da graduação, seja em um contexto de iniciação científica ou quando da escrita da monografia, ajudando a formar um sujeito reflexivo e autônomo. Os dados apresentados proporcionam a reflexão sobre a complexidade da atividade de orientação, pois o professor lida com um objeto de trabalho diversificado, trata-se de um outro ser humano, um sujeito pensante com opiniões próprias, capaz de apoiar ou se opor ao seu trabalho.

A análise possibilitou constatar a carência de estudos sobre o tema, bem como permitiu conhecer a maneira como os professores orientadores realizam o seu trabalho e quais as dificuldades enfrentadas por eles, além de revelar a concepção destes sobre o seu papel.

Portanto, tendo em vista a centralidade da atividade de orientação na integração entre ensino e pesquisa, pode-se concluir que o papel assumido pelo professor orientador é de um verdadeiro mediador e guia diante do aprendizado da pesquisa e da construção do conhecimento. A prática pedagógica desses professores, por sua vez, organiza-se de forma sistemática, dividindo-se em etapas. Quanto as dificuldades encontradas em seu trabalho, estão relacionadas ao aluno e a questões de infra-estrutura.

Referências

ANDRÉ, Marli. Pesquisa, Formação e Prática Docente. In: ANDRÉ, Marli. (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. p. 55 – 69.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Apresentação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 13-24.

BRASIL/MEC/CNE. Parecer CNE/CP n.º 009/2001- **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Brasília, 08 de maio de 2001.

CHASSOT, Ático I. Orientação virtual: uma nova realidade. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 89 -108.

CUNHA, Maria Isabel da. Ensino como mediação da formação do professor universitário. In: MOROSINI, Marília Costa. (Org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. P. 45-50.

FERREIRA, Aurélio. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ed, 24 imp.rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

Fonseca, Dirce Mendes da. Pesquisa e ação pedagógica: o papel do programa de iniciação científica. In: **Educativa**. Goiânia, v. 15, n. 2, p. 287-299, jul./dez. 2012.

GÓMEZ, Angel I. Pérez. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia na universidade**. 8ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005. 200 p.

MACHADO, Ana Maria Netto. A relação entre a autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 45-66.

MELLO, Mônica Seixas de Oliveira. Aspectos Norteadores na Orientação de Monografia a Distância: Relato de Experiência do Curso de Pós- Graduação Lato Sensu em Gestão Pública do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC. In: **Cadernos de educação, tecnologia e sociedade**. Vol. 03, n.1, (2012).

NÓBREGA-TERRIEN, Silvia Maria; ANDRADE, Laurinete Sales de. A pesquisa na pós-graduação: possibilidades e limites na construção do conhecimento In: NÓBREGA-TERRIEN, Silvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de; ANDRADE, João Tadeu de.

(org). **Formação diferenciada:** a produção de um grupo de pesquisa. Fortaleza: EdUECE, 2009. p. 145- 162

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A Bússola do Escrever:** desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. São Paulo: Cortez, 2002. p. 67-87.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 3ª ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007. 312 p.